

# Uma chave no trinco

Enrique Mandelbaum

A inclusão da situação psicanalítica no campo dos fenômenos expressivos suscita uma reflexão sobre a atitude do analista diante das demandas do paciente, da interpretação psicanalítica e do modo como lemos os textos de Freud.

**P** *sicanálise em nova chave*<sup>1</sup>. Este é o título escolhido por Isaias Melsohn para integrar um aguardado conjunto de escritos seus que nos são apresentados numa série de seis aulas, doze seminários e uma polêmica com a revista *The International Journal of Psycho-Analysis*, em torno da recusa desta última em publicar seu trabalho “Uma alternativa para o conceito de representação inconsciente: a função expressiva e a constituição do sentido. Sentido e significação”, texto este que também está presente neste livro indispensável para todos os que praticam a psicanálise ou refletem sobre o homem e a situação do mundo utilizando o poderoso instrumental teórico trazido à luz por Sigmund Freud.

Em princípio, o título constitui-se numa homenagem direta a Susan Langer, filósofa, autora do livro *Filosofia em nova chave*, cujas postulações referentes aos fenômenos expressivos são utilizadas por nosso autor para dinamizar o campo da prática psicanalítica. Mas

não podemos deixar de lado toda a ousadia com que o autor apresenta os seus escritos, através desse título.

Uma primeira acepção da palavra *chave* é a de ser um instrumento eficaz para a nossa entrada num espaço anteriormente fechado. Daí o seu emprego no sentido de designar tudo aquilo que prepara, facilita, explica ou inicia uma questão ou um problema. Neste sentido, se a psicanálise é um problema, o autor, com ousadia, nos oferece uma chave.

Mas, atenção: as fechaduras demandam chaves específicas. Já no caso dos homens e das ciências que tentam dar conta dos diversos fenômenos humanos, as chaves, por assim dizer, criam suas fechaduras, porque os diversos modos de pensar o homem constituem, mais

**Enrique Mandelbaum** é psicanalista, doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, professor convidado do programa de pós-graduação da FFLCH-USP.

do que organizações teóricas explicativas, espaços conceituais em cujo interior pode vir a emergir algo assim como um molde no qual a forma humana é significada e, através dessa significação, modelada. Por isto, podemos dizer que as chaves geradas pelos processos de pensar o homem o reinventam.

Desde os seus primórdios, a psicanálise apresentou-se com uma originalidade em relação às múltiplas formas de nomear o humano. Imbuída de sua tarefa clínica peculiar pretendia, mais do que agregar um novo modo de pensar o homem em geral, extrair de um sujeito singular – um paciente – uma compreensão

uma tentativa, mesmo que humilde, de operar essa recriação. Algo de novo tem que ocorrer ou tem que ser concebido em todo aquele que se propõe a atravessar um processo psicanalítico. Uma nova chave faz parte das expectativas de quem inicia esse processo.

Mas, cabe uma nova chave para compreender a psicanálise enquanto prática, método e teoria específica? A questão é complexa e a resposta, nada simples. Enquanto prática, a psicanálise é um exercício que estabelece uma rotina e, portanto, é capaz de deixar um lastro que poderíamos denominar, sem muito engano, de técnica, por cons-

plicar, elucidar e unificar os fenômenos observados na prática clínica.

Reiteramos essas três dimensões – a prática, o método e a teoria – porque, na atualidade, de forma minimalista, tem sido privilegiada a dimensão do método para, com quase exclusividade, definir a psicanálise. Porém, é importante lembrar que o método é o resultado de uma prática, e não um *a priori* já dado. E que essa prática, para poder ser definida como específica do campo psicanalítico, requer a dinamização de aspectos provenientes do modo de conceituar próprio das teorias psicanalíticas mais fortes. Não há dúvida de que Isaias Melsohn realiza uma nova compreensão de aspectos importantes da prática e da teoria psicanalítica. Mas ele não reduz a psicanálise ao método e, para poder compreender melhor o movimento que ele propõe, talvez seja de utilidade tentar rastrear como essa redução se fez possível no campo psicanalítico, acreditando que assim iremos ao encontro das diferenças que antevemos.

Começamos então por nos perguntar por que tornou-se tão frequente apresentar a psicanálise apenas como um método. De acordo com essa concepção, se quisermos ser psicanalistas, deveremos nos apropriar do método psicanalítico. Como já salientamos, Freud, quando fundou a psicanálise, inaugurou uma prática, estabeleceu um método e desenvolveu uma teoria, outorgando a esse modo de proceder a qualidade de uma terapêutica – um meio adequado para lidar com o sofrimento psíquico, capaz de ser transmitido a outros. Em princípio, poderíamos acreditar que, para ser um bom psicanalista, deveríamos passar a agir e pensar como Freud. O traço fundador de Freud faz com que seus textos legitimamente ocupem um lugar privilegiado em relação aos demais autores psicanalistas que, por sua vez, na fundamentação dos desenvolvimentos teóri-

**A**s fechaduras demandam chaves específicas.

Já no caso dos homens e das ciências que tentam dar conta dos fenômenos humanos, as chaves criam suas fechaduras.

também singular e específica que o agilizasse com originalidade. Se há algum chão sobre o qual a psicanálise se planta, este é o da crença, mesmo que limitada, na possibilidade de constituição de uma história pessoal a partir ou em torno de uma história coletiva. E muito da psicanálise é mobilizado pela crença, ou superstição, de que cada um de nós pode se recriar. A psicanálise é

tituir-se num conjunto de procedimentos específicos. É também um método, porque os psicanalistas devem atuar circunscritos a um modo de proceder; e é uma teoria, porque demanda uma reflexão incisiva e contínua sobre a prática realizada e a vinculação desta prática ao conjunto de reflexões sistematizadas pelos diversos autores, a partir de Freud, que se propõem a ex-

cos e práticos que propuseram para a psicanálise, tiveram também que encontrar, em algum dos múltiplos escaninhos da obra de Freud, um nicho para incrustar suas novas contribuições. Este movimento garantiria uma continuidade da psicanálise, feita por desdobramentos capazes inclusive de suportar as discontinuidades provenientes de cada uma das contribuições e evitar a ameaça de ruptura que toda abordagem original traz consigo. A história da psicanálise é uma história de permanências e transformações, sujeita, portanto, às mesmas vicissitudes de todas as tradições, de todos os atos em que está implicada a transmissão de um conhecimento específico. O que está surgindo como questão para nós é o modo como nos relacionamos com a obra de Freud e o lugar que esta ocupa na constituição de nossa identidade psicanalítica.

Pierre Menard, a famosa personagem que Jorge Luis Borges cria numa curta narrativa de seu livro *O jardim de veredas que se bifurcam* (1941), dedica a sua vida a “produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes”<sup>2</sup>. Ele não quer escrever um Quixote contemporâneo, não se trata de efetuar uma atualização dessa obra “para atrair-nos com a idéia primária de que todas as épocas são iguais ou de que todas são diferentes”<sup>3</sup>. Ou seja, ele não visa demonstrar que a obra de Cervantes tem uma potência inerente que a faz sobrepor-se a todas as transformações provenientes do acontecer histórico; nem tampouco quer demonstrar que toda obra – e o Quixote não seria uma exceção – é um produto de sua época, de um estado de coisas específico, e que sua fruição nos tempos atuais requiriria atualizações para emergir com plena potência. Escrever um Quixote contemporâneo seria algo desmerecedor do intenso projeto que Pierre Menard coloca para si.

Menard “não queria compor outro Quixote – o que é fácil – mas o *Quixote*”<sup>4</sup>.

E, qual seria o método eficaz para levar adiante esse projeto? Um “relativamente simples”, de acordo com a poderosa ironia do narrador:

O projeto de Menard de chegar ao Quixote não se dá de forma aberta, mas faz parte “da outra [obra]: a subterrânea, a interminavelmente heróica, a ímpar. Também – ai das possibilidades do homem! – a inconclusa”<sup>6</sup>. Ou seja, Menard, de forma

O que está surgindo como questão para nós é o modo como nos relacionamos com a obra de Freud, e o lugar que esta ocupa na constituição de nossa identidade psicanalítica.

conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra o turco, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e 1918, ser Miguel de Cervantes. Mas, Pierre Menard afasta esta via. Não pela dificuldade em si, mas porque “ser, de alguma maneira, Cervantes e chegar ao Quixote pareceu-lhe menos árduo – por conseguinte, menos interessante – que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao Quixote mediante as experiências de Pierre Menard”<sup>5</sup>. Devemos ter em mente que esse projeto não se realiza, de acordo com o narrador, na “obra *visível*” de Menard, que se limita a 19 trabalhos, todos detalhadamente apresentados pelo narrador numa ordem cronológica que se inicia no ano de 1899 e se estende até o ano de 1934, dos quais nenhum, de forma explícita, trata do Quixote de Cervantes.

oculta, toma para si o desafio de, sem deixar de ser Menard, tornar-se um “cervanteano”, de produzir uma obra que fosse, ao mesmo tempo, sua obra e a de Cervantes. Claro que a tarefa de Menard é bem mais difícil do que a já empreendida por Cervantes. O último podia contar com o acaso na produção de sua obra, podia operar com espontaneidade. Não Menard. Diz ele: “Contraí o misterioso dever de reconstruir sua obra espontânea”<sup>7</sup>. E o faz com tal ímpeto e dedicação que chega, de acordo com o narrador, a realizar o invisível de seu projeto (claro que de modo invisível: “multiplicou os rascunhos; corrigiu tenazmente e rasgou milhares de páginas manuscritas. Não permitiu que fossem examinadas por ninguém e cuidou que não lhe sobrevivessem”.)<sup>8</sup>

O texto de Borges, um híbrido

de ficção e teoria – uma ficção teórica –, constitui-se, através do irônico paradoxo que é Pierre Menard, autor do Quixote, numa problematização sobre autorias, influências textuais e leituras. Pierre Menard é um autor/leitor ou um leitor/autor? Vale a pena, para quem duvida, acompanhar o argumento do narrador do texto de Borges:

“Constitui uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, nono capítulo): ... *a verdade, cuja mãe é a história, émula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do pre-*

*tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.*

“A história, mãe da verdade; a idéia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. As cláusulas finais – *exemplo e aviso do presente, advertência do futuro* – são descaradamente pragmáticas”<sup>9</sup>.

Borges consegue a proeza de fazer surgir duas obras totalmente diferentes de um mesmo texto, ao

tra outro: um mesmo que é um outro. A leitura incide sobre a escrita e a transforma. Entre Menard e Cervantes, há um acúmulo de leituras que produzem, no próprio texto de Cervantes, um outro texto.

O texto de Borges leva-nos a pensar que o texto de Cervantes é um palimpsesto em constante agitação, desmistificando-se assim a idéia do texto original e abrindo o campo para a concepção de uma obra em aberto da qual todo leitor é também autor. Porque o sentido do texto, de acordo com o irônico texto de Borges, parece não se apoiar propriamente no instante da escritura, mas no da leitura. Nesta concepção, o necessário, para ser cervanteano, é ler com método o texto de Cervantes. E, se a leitura for bem sucedida, mesmo que de modo fragmentário – porque Menard não pode abarcar o *Dom Quixote* por inteiro –, o fragmento que for realizado conseguirá alguns ganhos em relação ao “original”. O texto de Menard é, no mínimo, mais inquietante que o texto de Cervantes.

Poderíamos imaginar uma variação, um exercício análogo ao produzido por Borges, dentro do campo psicanalítico? No lugar do autor Pierre Menard, podemos aventar um hipotético analista contemporâneo, cujo nome nem precisaria ser enunciado, dado o nosso costume de manter os nomes em sigilo quando se trata de casos clínicos. Suponhamos que o nosso analista tivesse dedicado o essencial de sua vida à obra de Freud e, à diferença de Menard, para quem o Quixote interessava profundamente mas não lhe parecia, como ele diz, “inevitável”<sup>10</sup>, ao nosso psicanalista parecesse inevitável ter que se vincular a Freud. E, com esforço, por vias próprias, ou seja, a partir de si e sem querer percorrer o vulgar caminho de um retorno a Freud, ele tivesse acabado por gerar aquela primeira sentença que abre o capítulo 3 de *A interpretação de sonhos*, que leva

O texto de Borges, um híbrido de ficção e teoria, constitui uma problematização sobre autorias, influências textuais e leituras. Pierre Menard é um autor/leitor ou leitor/autor.

*sente, advertência do futuro.*

“Redigida no século XVII pelo ‘engenho leigo’ Cervantes, essa enumeração é mero elogio retórico da história. Menard, em compensação, escreve: ...*a verdade, cuja mãe é a história, émula do*

atribuir a um escritor do início do século XX alguns fragmentos do romance de Cervantes. O texto não muda ou, pelo menos, a linguagem não muda “palavra por palavra e linha por linha”. Mas o sentido é completamente outro. O texto se mos-

por título “Um sonho é a realização de um desejo”. Diz Freud:

“Quando, depois de passarmos por um estreito desfiladeiro, de súbito, damos com um trecho de um terreno elevado, onde o caminho se divide e as mais belas vistas se desdobram por todos os lados, podemos parar por um momento e considerar em que direção devemos primeiramente orientar nossos passos.”<sup>11</sup>

Em Freud, toda essa oração não é mais do que uma imagem das muitas que ele cria, próprias de seu estilo divagador, para introduzir a idéia de que o sonho é um fenômeno psíquico e, mais precisamente, uma realização de desejos. Já o nosso analista escreve:

“Quando, depois de passarmos por um estreito desfiladeiro, de súbito, damos com um trecho de um terreno elevado, onde o caminho se divide e as mais belas vistas se desdobram por todos os lados, podemos parar por um momento e considerar em que direção devemos primeiramente orientar nossos passos.”

Leitor de Borges, nosso analista estaria narrando a própria origem do homem, que, “através de um estreito desfiladeiro”, instaura-se nesse cenário no qual “o caminho se divide”, tal como um jardim de veredas que se bifurcam. A idéia é espantosa. Implica a vida em analogia ao sonho. Mas, não só. Nosso psicanalista estaria também incluindo nessa imagem fundante a sua própria prática, a própria escuta psicanalítica que, diante da fala do paciente, vê-se conduzida àquela elevação onde os caminhos se bifurcam. A clínica, de acordo ainda com o nosso psicanalista, ganharia a complexidade da vida e do sonho.

A redução da psicanálise ao método talvez advenha de uma saturação de leituras do texto

freudiano, na tentativa de instaurar, com originalidade pessoal, uma apropriação singular do ato psicanalítico. É um dos vários caminhos do retorno a Freud que nada mais quer do que se constituir como, mais do que um desdobramento freudiano, uma continuidade do ato instaurado por Freud. Assim, parte-se do princípio de que, no texto de Freud, estariam presentes, ainda que

modelo teórico forte para a fundamentação da prática psicanalítica, restando então, como lugar de certeza, apenas o método psicanalítico. E não só isso. Colocar-se como horizonte o texto de Freud pode levar também à redução de todas as dimensões do humano a uma única e exclusiva visada – a psicanalítica, tal como suposta em Freud. Esta maneira de conceber a psicanálise

A redução da psicanálise ao método talvez advenha de uma saturação de leituras do texto freudiano, na tentativa de instaurar uma apropriação singular do ato psicanalítico.

de forma latente, todos os possíveis desenvolvimentos que a prática psicanalítica veio a fazer, bastando abrir algumas fendas nas entrelinhas do texto freudiano para encontrar ali, no texto original, a legitimidade dos novos achados (é isto que permitiria ao nosso hipotético analista fazer um outro texto no mesmo texto de Freud). Essa prática de legitimação diante do texto original teria levado o texto freudiano a transformar-se num campo de conceituação instável – já que nada ali pode escapar a uma profunda discussão etimológica ou a uma hermenêutica pessoal – e, na esteira desse processo, a uma fragilização da possibilidade de se construir um

transforma Freud no fundador de uma poderosa tradição, seus textos em quase uma Bíblia e os psicanalistas que o seguiram em hermenêuticas agnósticas que, à maneira dos velhos cabalistas, têm como tarefa desdobrar o texto de Freud em analogia aos desdobramentos que a história gera.

Isaias Melsohn opera de um modo diferente. Sua fundamentação teórica – um suporte conceitual organizador de uma prática clínica -- não reduz o homem a uma dimensão psicanalítica, nem pretende fazer caber nos textos freudianos todos os achados de sua prática e reflexão. Sua inserção como psicanalista dá-se num diálogo tensional

com os textos fundantes – um diálogo que respeita o texto de Freud como sendo o produto de um momento histórico e, portanto, sujeito a revisões que levem em consideração os avanços na compreensão dos fenômenos humanos realizados em outras disciplinas, diante das quais a psicanálise pode vir a se desdobrar. O diálogo de Isaias com a filosofia revela exatamente isto. Ele acolhe, no interior da clínica, um modo de conceber a expressividade humana – oriunda principalmente do filósofo Ernst Cassirer –, que extrapola a própria clínica, porque a proeza de Cassirer, como indica Bento Prado Jr. em sua esclarecedora resenha do livro de Isaias<sup>12</sup>, foi descobrir que “nenhum abismo separa a subjetividade do sujeito da

gico-mítica, a estética, a científica etc.), mas para elaborar uma possibilidade de acompanhar o próprio modo de conceber dos homens através da história. Porque, na leitura de Cassirer, as formas de expressão não são um simples meio de comunicação, mas um modo de ser ou realizar-se do homem. Como na arte, em que os instrumentos comunicativos assumem um valor final, porque a obra nada mais é do que a apresentação e dinamização interna desses instrumentos. A obra é uma singularidade expressiva, uma expressão simbólica – por isto, uma extensão do próprio homem. Seu caráter simbólico é responsável pela peculiar forma de ser da obra de arte, que é a de oferecer-se à interpretação e, ao mesmo tempo que

resenha, “um bom uso da filosofia pode devolver vida à teoria e à prática psicanalítica”. Mas Isaias não recorre apenas à filosofia. O ato originário de Freud está firmemente estabelecido como horizonte de sua reflexão e prática psicanalítica. Seria necessário rastrear os principais modos de compreender a produção do paciente numa sessão psicanalítica e os modos de conceber o funcionamento psíquico para poder situar a originalidade que Isaias apresenta. Uma originalidade que, diga-se de passagem, funda-se na potencialização do ato interpretativo especificamente psicanalítico. Claro que nós, aqui, não faremos todo esse rastreamento. Mas os principais modos de compreender e praticar a psicanálise operam com a fala do paciente como se esta fosse bípede, em semelhança ao homem: com um pé na natureza e um pé na cultura, um pé no orgânico e um no simbólico, compreendendo que, entre uma e outra esfera, dá-se um conflito insolúvel: a fala plantada entre dois mundos, em semelhança à dualidade com que se costumou conceber o homem no velho diálogo entre a alma e o corpo. Na tentativa de unificação dessas duas esferas, no melhor dos casos, chegamos à imagem da moeda com suas duas faces, em que uma esconde a outra e das quais emergem traços diferenciados – os da cara e os da coroa – e, se a apresentação é da cara, o esforço psicanalítico é trazer à cena a coroa. Daí a urgência de trazer, através da interpretação ou de qualquer ato do analista, uma outra cena em lugar daquela que o paciente apresenta. Do conflito entre a dimensão natural e a dimensão cultural emergem, por desdobramentos, outros pares, tais como o processo primário e o secundário, o latente e o manifesto, o inconsciente e o consciente. Diante desse modo de conceber a produção do paciente, o analista deve comportar-se com suspeita em relação ao que é dito. Porque o que

O diálogo de Isaias com a filosofia revela que ele acolhe, no interior da clínica, um modo de conceber a expressividade humana oriundo principalmente do filósofo Ernst Cassirer.

objetividade do objeto”. O modo como Cassirer articula subjetividade e objetividade serve não só para explicar a expressão humana em suas diversas dimensões ou formas simbólicas (a representativa, a má-

singulariza a obra, permite apresentá-la como manifestação de um acontecer histórico.

Isaias penetra fundo nesse sistema de pensamento. Como bem aponta Bento Prado Jr., na mesma

deve ser revelado, ou trazido à cena, para ambos, não está propriamente no que o paciente produz em sua fala, que, basicamente, seria a realização de complexos mecanismos de defesa que distorcem a produção psicanalítica que se procura fazer surgir do paciente ou oferecer a ele.

Para Isaias, a atitude essencial do analista é a do acolhimento. E a suspeita em relação à fala do paciente não é adequada ao ato de acolher. Acolher, aqui, não deve ser compreendido como ter que agasalhar a produção do paciente, ou ele próprio. Não se trata meramente de proteger, mas de poder receber e atender o que vem do paciente, de tomar em consideração sua produção, à maneira como acolhemos um texto, uma composição musical, um quadro ou um filme. Enfim, como devemos acolher tudo aquilo que, sabemos, é dotado de expressividade. Parece-nos que aqui se encontra o essencial da chave de Isaias: a de instaurar e compreender a produção do paciente como um ato expressivo. Claro que todo analista já sabe que deve escutar o paciente. Mas, atuamos quase que totalmente convencidos de que o que o paciente expressa é uma manifestação, mediante símbolos, de motivações que estão num para além ou para aquém daquilo que é dito. Para Isaias, a apresentação do paciente é uma totalidade da qual faz parte, entre outros aspectos, a própria motivação. Ele nos convida a compreender a expressão do paciente com o mesmo pensamento monista com que Alfredo Bosi, ao ler Bachelard, propõe para uma leitura do poema, “capaz de abraçar generosamente corpo e historicidade, matéria e significação”. Segue Bosi: “Estamos em face de um pensamento monista fecundo que nada subtrai à formação do texto poético: nem a materialidade da voz, nem a fusão de corpo e mente peculiar à imagem, nem o móvel de desejo em transformação, nem os fantasmas do sonho e do devaneio, nem

a energia unificadora do pensamento, nem enfim a pertença do símbolo à memória cultural”<sup>13</sup>. Segundo Isaias, cabe ao analista captar a totalidade condensada na produção do aqui-e-agora, em conexão com

o sistema simbólico, em cujo interior estaria em contínuo processo de elaboração e re-elaboração a própria realidade do paciente. Ou seja, através da escuta de Isaias, a dinâmica do paciente passa a ser a sua

Parece-nos que aqui se encontra o essencial da chave de Isaias: a de instaurar e compreender a produção do paciente como um ato expressivo.

momentos pregnantes diversos da história do paciente. Aqui, sugerimos aos leitores que acompanhem a maravilhosa abordagem que Isaias faz a partir dos materiais clínicos apresentados nos seminários que fazem parte de seu livro. Não é o caso de trazeremos alguma vinheta clínica em particular, mas de destacar a especificidade do trabalho de Isaias na supervisão de casos clínicos, no sentido de realizar um movimento que, ao mesmo tempo, deixa emergir a dinâmica singular do paciente e a demanda por um comprometimento do analista para que realize o seu trabalho em ressonância com essa dinâmica. Isaias opera com o material das sessões no sentido de que essa dinâmica singular a que nos referimos seja erguida a um estatuto quase que de

realidade, do modo como este a apresenta. Na dinâmica psíquica do paciente, Isaias escuta tanto o dizer quanto o fazer, e a elaboração de uma trama pessoal destinada a dar conta de sua imperiosidade desejante. Isaias consegue sustentar a especificidade da produção do paciente – e também a do analista -- não como se tratasse de uma realidade mental que tem que ser confrontada com o meio externo, mas como uma operação de reorganização constante do paciente e do analista em função da situação analítica e, desta, em função de ambos.

Esta forma de conceber a produção do paciente desperta em nós, em princípio, um sentimento de ameaça à psicanálise, uma vez que o que Isaias observa parece tornar desnecessária a idéia do inconsci-

ente, deste construto tão difícil de definir mas que, de algum modo, constituímos num elemento, se não suficiente, necessário para a compreensão psicanalítica. Talvez seja esta a razão da recusa do *International Journal of Psycho-Analysis* em publicar o trabalho de Isaias, tornando os comentadores do texto, dada a pouca qualidade da argumentação, agentes de um tribunal da fé, à maneira dos velhos inquisidores que, geração após geração, teimam em se atualizar nos lugares menos esperados e através de metamorfoses tão bem realizadas que os próprios agentes desconhecem-se na função que realizam. Ocorre que Isaias nos obriga, por

inconsciente se, através desse construto, entendermos o descenramento da vida psíquica, tal como compreendido por Freud, em relação à consciência. E aqui nos parece que faltou a Isaias explicitar mais esta idéia que, ao nosso ver, está presente em sua leitura. Porque, obviamente, a manifestação expressiva atrás da qual todo analista deve ir não é produto da consciência, mas uma síntese pessoal em aberto que é sempre o resultado de uma dinâmica pulsional que atravessa cada homem. O que, sim, Isaias põe em questão é o inconsciente compreendido como um depósito de representações de coisas reprimidas e mantidas à margem da consciên-

bras essas capazes de se apresentar com amplitude, pela configuração do *setting* psicanalítico, na transferência. É que, implícita nesta concepção de inconsciente, encontra-se a idéia de que a produção do paciente é, de algum modo, uma reprodução, compreendida como cópia ou réplica de uma realidade previamente dada ou fantasiada, à maneira como, no senso comum, costumamos entender a representação de uma coisa. Aceitar essa idéia do inconsciente levar-nos-ia a compreender toda a ação expressiva do paciente como tendo uma função essencialmente reprodutiva. E o que Isaias salienta é que a função expressiva é, antes de mais nada, produtiva.

No modo como Isaias compreende a produção do material de um paciente em análise – concepção que é bastante explicitada ao longo de todo o livro, e nunca de uma só vez –, nada do essencial da psicanálise está deixado de lado. A dinâmica pulsional ainda prevalece na compreensão do paciente; a vida imaginária ainda é abordada como se tratando de conteúdos nos quais são atualizados impulsos desejantes. O que, sim, Isaias reitera e, nisto, ele é um fiel seguidor de Hanna Segal, é que impulso e representação formam necessariamente uma totalidade expressiva única e indivisa que, diante de uma intervenção interpretativa bem sucedida, irá sofrer um desdobramento, à maneira do exemplo que Walter Benjamin gostava de dar, da folha de papel que pode ser desdobrada em barco, flor ou chapéu. E, neste aspecto, ele marca uma posição diferente da de Hanna Segal, para quem o trabalho interpretativo do analista não promoveria tanto um desdobramento da dinâmica pulsional, mas uma possibilidade de percepção mais objetiva e integrada de uma realidade concebida como exterior ao paciente. Para Hanna Segal, o trabalho de interpretação da dinâmica interna do pa-

**T**alvez a crítica à noção de inconsciente seja a razão da recusa do *International Journal of Psycho-Analysis* em publicar o trabalho de Isaias, tornando os comentadores do texto agentes de um tribunal de fé.

mais polêmica que seja a sua posição, a termos que redescobrir, sem aceitar de antemão como dogma, a própria noção de inconsciente.

Contudo, ao nosso ver, Isaias não põe em questão a noção de

cia, que o trabalho psicanalítico visaria trazer à tona através do acompanhamento e interpretação das sombras desse incomensurável depósito que se deixam entrever nos lapsos, sonhos, sintomas etc. – som-

ciente permitiria algo assim como uma des-subjetivação do real, possibilitando a emergência de uma consciência de separação entre o sujeito e os objetos do mundo que o rodeia. Já para Isaias, a concepção do real é sempre um trabalho no

como sabemos, é uma variante de uma leitura que pretende *compreender* o fenômeno observado, mais do que *explicá-lo*. É verdade que os avanços do estruturalismo permitiram uma realização do ato interpretativo com afinidade para a

como se tratando de um ato expressivo, a ação do analista também é abordada por Isaias como efetivação de um ato expressivo. A fala, “esse delicado instrumento”, como ele gosta de dizer, sempre age sobre o outro. O problema é que, dada a formação habitual do analista, sua fala visa prioritariamente realizar uma descrição do que seria a defesa em ação no paciente. É este aspecto, o da defesa, seria, para Isaias, apenas um elemento de um feixe bem maior de forças que estariam presentes na expressão do paciente. Essa redução promovida pelo analista não é inocente, já que leva o campo relacional paciente-analista a uma situação na qual o paciente vê-se compelido a realizar algo assim como um julgamento pessoal, dada a introjeção de um analista acusatório. Para Isaias, devemos transmitir ao paciente que apreendemos o que ele sente. Nisto, ao ver dele, consiste a questão do acolhimento de uma identificação projetiva expresso em interpretação. Ou seja, não basta retornar ao paciente aqueles aspectos de sua vida mental que ele cindiu, projetando-os no analista. O ato interpretativo, como Isaias o compreende, é quase que uma *performance*, no sentido em que implica muito mais do que uma enunciação formal. Implica o analista por inteiro, à maneira como, na expressão do paciente, é ele por inteiro que está implicado. É isto que quer dizer acolher o paciente com compreensão. E neste sentido a interpretação, de acordo com Isaias, é um ato expressivo, um ato através do qual singularizamos a fala de um paciente e nos singularizamos.

Como fenômeno expressivo, a presença e a fala do paciente já constituem um ato interpretativo pessoal. Isto é algo que Isaias sempre nos lembra. No que, então, a interpretação do analista pode contribuir para esse exercício pessoal interpretativo que o paciente realiza por si só? Isaias responde que,

“Nós amadurecemos reunindo e elaborando novos impulsos e emoções; nisto consiste o desenvolvimento da vida emocional. Emoção subentende concepção, concepção emocional dos objetos do mundo”, diz Isaias.

qual uma determinada dinâmica pulsional se objetiva. Diz Isaias: “nós amadurecemos reunindo e elaborando novos impulsos e emoções; nisto consiste o desenvolvimento da vida emocional. Emoção subentende concepção, concepção emocional dos objetos do mundo. Nós nos desenvolvemos ordenando impulsos e adequando-os às relações com os objetos humanos por meio de concepções emocionais condizentes”<sup>14</sup>.

Por isto, para Isaias, cada encontro analítico deveria ser um ato diferenciado de elocução, um ato de conhecimento e não de reconhecimento do que já foi sentido, imaginado e dito. E esta é uma proposta que, para ser levada adiante, demanda do analista sua circunscrição ao campo interpretativo que,

explicação sem ferir a singularidade do campo lingüístico, ou seja, a realização de uma explicação que evidencie a estrutura sobre a qual se suporta a especificidade do discurso do paciente, através do reconhecimento do jogo de oposições e de suas combinações na fala, tal como são atualizados no campo transferencial. Numa abordagem estruturalista, é o analista que deve se des-subjetivar para ir ao encontro da estrutura da fala do paciente. Para Isaias, irmos ao encontro da expressividade do paciente demanda, como apontávamos antes, um exercício de compreensão, de traslado em direção ao psiquismo alheio, operação esta que pressupõe a implicação de todo o psiquismo do analista. E, assim como a fala do paciente é abordada

através da fala do analista, o paciente, acolhido com compreensão, “talvez seja capaz de ouvir a si próprio, falado pelo analista, através de nova dimensão da palavra que reúne, como concepção emocional, a denotação e a aceitação de aspectos

po, de uma atividade sonhadora e de uma atividade ideativa.

Para além de uma aproximação do analista ao paciente, este modo de compreender a análise aproxima ambos da expressividade poética. Ou seja, aproxima a sessão psi-

ma explícita, o tempo que passou entre Freud e nós, e não pretende redescobrir Freud a partir de um posicionamento pessoal. Tampouco ele sobrepõe um punhado de leituras ao texto de Freud, nem reduz o entendimento da alma humana ao texto freudiano. Isaías faz com o legado freudiano o mesmo que propõe que façamos com a produção do paciente: o desdobra com novidade. Se a situação psicanalítica for instaurada num contexto de expressividade, as falas do paciente e do analista estarão abertas a desdobramentos tão profícuos quanto o da obra artística, que se apresenta aberta a leituras. Isto é uma negação da psicanálise? Claro que não. Então, senhores editores do *International Journal of Psycho-Analysis*, leiam agora o livro de Isaías Melsohn e verão, diante de vocês, não apenas a prática de um grande analista, mas a voz de um analista dotado de enorme erudição e capacidade para formar toda uma nova geração de analistas, e cuja ousadia maior consiste em plantar-se fortemente no interior de uma prática psicanalítica que ele quer ver dotada de expressividade. ■

O paciente, acolhido com compreensão, talvez seja capaz de ouvir a si próprio, falado pelo analista, através de uma nova dimensão de palavras. Esta reúne, como concepção emocional, a denotação e a aceitação de aspectos ou conflitos aparentemente paradoxais.

tos conflitivos aparentemente paradoxais; o paciente poderá, talvez, se ‘re-conhecer’, porque se sentiu aceito; poderá olhar e ver a si próprio ‘dentro’ do outro, numa nova fusão, desta vez simbólica, que é, também, uma das realizações supremas do dizer humano”<sup>15</sup>. É deste modo que se processariam os desdobramentos de que anteriormente falávamos. Aqui radica o que nos parece ser uma demanda por coerência na compreensão da cena psicanalítica como um todo. Ou seja, se a comunicação do paciente é um ato expressivo que necessariamente unifica tanto uma atividade sonhadora quanto uma atividade ideativa, a intervenção do analista, através da interpretação, também deve ser a realização, a um só tem-

canalítica e a própria psicanálise de todos aqueles campos capazes de deixar surgir uma palavra geradora, uma palavra capaz de semantizar a natureza. O que Isaías realiza, ao nosso ver, não é tanto uma re-leitura da psicanálise, mas uma aproximação do ato psicanalítico a importantes concepções desenvolvidas no decorrer do século XX sobre o modo de compreender as formas expressivas e, neste sentido, torna-nos conscientes de que o *setting* psicanalítico é, antes de mais nada, a delimitação de uma situação para que ela assuma o lugar de um diálogo expressivo entre paciente e analista.

Isaías não é uma variação de Pierre Menard. Sua obra e sua prática levam em consideração, de for-

## NOTAS

1. I. Melsohn, *Psicanálise em nova chave*, SP: Ed. Perspectiva, 2001.
2. J. L. Borges, *O jardim de veredas que se bifurcam*. Em *Obras completas*, vol. I. SP: Globo, 2000, p. 493.
3. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 493.
4. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 493.
5. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 494.
6. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 492.
7. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 495.
8. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 497.
9. J. L. Borges, *op. cit.*, p. 496.
10. Uma vez que, como poeta simbolista, Menard era um “devoto de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Mallarmé, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste” (p. 494), ou seja, ele pertencia a uma corrente de influência textual sobre a qual Cervantes incide apenas obliquamente.
11. S. Freud, *A interpretação de sonhos*. *Obras psicológicas completas de S. Freud*, vol. IV. RJ: Imago, 1972, p. 131.
12. “A terceira via de Melsohn” - Resenha de Bento Prado Jr., *Jornal de resenhas da Folha de São Paulo*, 12/01/2002.
13. A. Bosi, “Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões”. Em A. Bosi (org.), *Leitura de poesia*, SP: Ed. Ática, 1996, p. 42-43.
14. I. Melsohn, *op. cit.*, p. 179.
15. I. Melsohn, *op. cit.*, p. 135-136.